

Os elementos autobiográficos na obra do Ferreira de Castro

Kardum, Andrijana

Master's thesis / Diplomski rad

2021

Degree Grantor / Ustanova koja je dodijelila akademski / stručni stupanj: **University of Zagreb, Faculty of Humanities and Social Sciences / Sveučilište u Zagrebu, Filozofski fakultet**

Permanent link / Trajna poveznica: <https://urn.nsk.hr/urn:nbn:hr:131:470550>

Rights / Prava: [In copyright](#)/[Zaštićeno autorskim pravom.](#)

Download date / Datum preuzimanja: **2023-05-31**



Repository / Repozitorij:

[ODRAZ - open repository of the University of Zagreb Faculty of Humanities and Social Sciences](#)



Universidade de Zagreb
Faculdade de Letras
Departamento de Línguas e Literaturas Românicas
Cátedra de Língua e Literatura Portuguesas

Os elementos autobiográficos na obra do Ferreira de Castro

Tese de mestrado

Mestranda:
Andrijana Kardum

Orientador:
Nikica Talan

Zagreb, outubro de 2021

Sveučilište u Zagrebu
Filozofski fakultet
Odsjek za romanistiku
Katedra za portugalski jezik i književnost

Autobiografski elementi u opusu Ferreire de Castra

Diplomski rad

Studentica:
Andrijana Kardum

Mentor:
Nikica Talan

Zagreb, listopad 2021.

Resumo:

O tema desta tese são os elementos autobiográficos na obra do romancista e jornalista português José Maria Ferreira de Castro (1898–1974). Utilizando a literatura recente e abrangente da teoria da autobiografia, *Reading Autobiography: A Guide for Interpreting Life Narratives* de Sidonie Smith e Julia Watson, o presente trabalho procura fazer uma breve introdução à autobiografia, aos elementos autobiográficos e ao modo como reconhecê-los.

Segue-se a análise das obras selecionadas, focando-se principalmente na *Selva* e *Emigrantes*, em grande parte relacionadas com a vida do autor e com a grande ajuda da obra *Ferreira de Castro. A sua vida, a sua personalidade, a sua obra* do crítico Álvaro Salema.

Palavras-chave: *elementos autobiográficos, Ferreira de Castro, A Selva, Emigrantes, realismo social*

Sažetak:

Tema ovog diplomskog rada su autobiografski elementi u opusu portugalskog romanopisca i novinara José Maria Ferreira de Castro (1898. – 1974.). Koristeći sveobuhvatnu i recentnu literaturu iz teorije autobiografije, *Reading Autobiography: A Guide for Interpreting Life Narratives* autorica Sidonie Smith i Julie Watson, ovaj rad donosi kratak uvod u sam pojam autobiografije te autobiografskih elemenata i načina njihova prepoznavanja.

Nakon toga slijedi raščlamba odabranih djela s osobitim naglaskom na romane *A Selva* (*Kaučuk: zeleni demon*, preveo Dragutin Biščan 1940. godine) i *Emigrantes* (*Iseljenici*, preveo Ante Rojnić 1940. godine), koji su izvor najvećem broju autobiografskih elemenata, uz veliku pomoć djela *Ferreira de Castro. A sua vida, a sua personalidade, a sua obra* portugalskog književnog kritičara Álvaro Saleme.

Ključne riječi: *autobiografski elementi, Ferreira de Castro, A Selva, Emigrantes, socijalni realizam*

ÍNDICE:

1. INTRODUÇÃO	1
2. A AUTOBIOGRAFIA E OS ELEMENTOS AUTOBIOGRAFICOS	4
2.1. A definição	4
2.2. O surgimento da forma autobiográfica	6
2.3. Categorias de autobiografia	7
2.4. Os atos autobiográficos	8
2.4.1. "Eu" narrativo e "eu" narrado	9
2.4.2. "Eu" ideológico	11
2.5. A identidade	12
3. AS OBRAS SELECIONADAS E A ANÁLISE	13
3.1. (Neo)realismo social	13
3.2. A análise	15
3.2.1. <i>Emigrantes</i>	16
3.2.2. <i>A Selva</i>	27
3.2.3. <i>Eternidade</i>	34
3.2.4. <i>Terra Fria</i>	38
3.2.5. <i>A Lã e a Neve</i>	41
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEB	46
Entrevistas e outras fontes web:	49

1. INTRODUÇÃO

José Maria Ferreira de Castro (24 de maio de 1898 – 29 de junho de 1974), romancista e jornalista português nascido no *fin de siècle* em Salgueiros, freguesia de Ossela, concelho de Oliveira de Azeméis, pequena vila do norte de Portugal, é considerado um dos pais da ficção contemporânea neorrealista portuguesa e o mais importante escritor da sua geração.

Fez parte de um grupo de notáveis intelectuais que se opuseram ao regime autoritário de António de Oliveira Salazar, mais conhecido como *Estado Novo*. Embora tenha participado em quase todos os protestos pacíficos contra o regime, Ferreira de Castro nunca foi vítima de uma repressão excessivamente violenta precisamente devido aos sucessos literários reconhecidos nacional e internacionalmente. Era um libertário que escreveu toda a sua obra principal durante a ditadura, entre 1928 e 1968. Isso significa que, por quarenta anos um escritor sentiu-se controlado e ele próprio se infligia uma autocensura de que fala na obra *Os Fragmentos*, publicada postumamente. Morreu no Porto apenas dois meses após a Revolução dos Cravos, quando o regime foi finalmente derrubado.

A estada de nove anos nas selvas brasileiras da Amazónia (1911–1919) deixou marca inesquecível na obra do autor. O mais velho dos cinco filhos de José Eustáquio Ferreira de Castro, um pobre camponês, e Maria Rosa Soares de Castro, perdeu o pai aos oito anos e resolveu, com doze anos e a instrução primária, deixar Portugal com o desejo de sustentar a família. Em 7 de janeiro de 1911, embarcou no vapor *Jerôme* destinado à Belém do Pará, no Brasil. Por quatro anos, morou no seringal do Paraíso, no meio da floresta amazónica, nas margens do rio Madeira. Após sair do Paraíso, viveu em condições precárias e escreveu contos e crónicas que enviava para jornais do Brasil e de Portugal. No Brasil publicou em fascículos o seu primeiro romance, *Criminoso por Ambição*, em 1916.

As várias indicações ao Prémio Nobel de literatura e traduções em dezenas de idiomas são o resultado da experiência vivida do emigrante português e da atitude dos trabalhadores de diferentes regiões e classes sociais brasileiras no ambiente cruel da floresta tropical. Foram os dois romances mais lidos e difundidos, *Emigrantes* (1928) e *A Selva* (1930), que lançaram a carreira literária de Ferreira de Castro e forneceram um retrato fiel do reino exótico e das tensas relações

interpessoais (diferenças sociais, religiosas ou culturais). Seguem-se, um após o outro, os romances: *Eternidade* (1933), *Terra Fria* (1934), *Tempestade* (1940), *A Lã e a Neve* (1947). Nos anos cinquenta publicou o romance *A Curva da Estrada* e, entre outras obras, a célebre novela *A Missão*. A sua dedicação às impressões de viagens produziu as obras *Pequenos Mundos e Antigas Civilizações* (1937), *A Volta ao Mundo* (1944) e *As Maravilhas Artísticas do Mundo*. O romance *O Instinto Supremo* remonta a 1968.

Ferreira de Castro é também conhecido pela sua rica e longa carreira como jornalista. Fundou publicações e colaborou em revistas e jornais no Pará (Brasil) e em Portugal (instituiu o jornal a *Hora* (1934), tendo sido diretor da revista *ABC*, do magazine *Civilização* e do semanário *O Diabo* e o redator do jornal *O Século*). Dedicou muito do seu tempo e saber ao jornalismo, o que lhe permitiu a manter laços estreitos com os dois países.

O objetivo principal desta tese é analisar a vida de Ferreira de Castro de uma forma mais cronológica possível, a partir das suas obras mais significativas. O autor da biografia *Ferreira de Castro. A obra e o Homem* (1961) Jaime Brasil, escreveu em 1945 no panfleto *Os Novos Escritores e o Movimento Chamado "Neo-Realismo"*, que Ferreira de Castro foi o iniciador, não apenas o precursor, do realismo social na literatura. No entanto, ao escrever esta tese, optei por usar o livro *Ferreira de Castro: A sua vida, A sua personalidade, A sua obra* do crítico literário Álvaro Salema. Não foi difícil fazer essa escolha, visto que o crítico escreveu com a hipótese de que é impossível separar a obra de Ferreira de Castro das suas experiências pessoais. Além de que, a sua obra não foi tão amplamente utilizada, como as outras obras críticas, no que diz respeito à escrita crítica sobre a vida do autor.

Na primeira parte da tese, analisarei o próprio conceito de autobiografia e elementos autobiográficos para uma pesquisa teoricamente mais clara. As análises na minha tese serão baseadas em *Reading Autobiography: A Guide for Interpreting Life Narratives*, de Sidonie Smith e Julia Watson, que apresentaram uma abordagem teórica sofisticada da escrita da vida e dos componentes dos atos autobiográficos, incluindo memória, experiência, identidade, incorporação, espaço e ação. Uma autobiografia é, nos termos mais simples, uma descrição da própria vida. As obras autobiográficas podem assumir uma variedade de formas, desde escritos íntimos criados

durante uma vida que não foram necessariamente destinados à publicação (incluindo cartas, diários, revistas e memórias) até uma autobiografia formal do tamanho de um romance.¹

Na segunda parte da tese, analisarei os romances *A Selva*, *Emigrantes*, *Eternidade*, *Terra Fria*, *A Lã e a Neve* (maior foco sendo colocado nos dois primeiros romances) que um dos críticos portugueses mais sérios Álvaro Salema engloba no ciclo mais diretamente ligado à experiência pessoal do escritor². Outros dois aspetos (ou direções) do conjunto das obras de Ferreira de Castro é o apresentado nos livros de reportagens de viajante de evocação histórico-social (*Pequenos Mundos e Velhas Civilizações*, *A Volta ao Mundo* e *As Maravilhas Artísticas do Mundo*) e o que reúne em si “a análise mais complexa e diversificada dos conflitos interiores em equação com realidades sociais e históricas mais vastas”³ (*Tempestade*, *A Curva da Estrada* e *A Missão*). Salema afirma que o livro *Instinto Supremo* é a obra que sintetiza as três direções.

A tese concentra-se principalmente na análise das obras *A Selva* e *Emigrantes* devido à abundância de elementos autobiográficos nessas obras. Além disso, essas são as obras mais conhecidas do autor que tendo alcançado um grande público tiveram o maior impacto nos leitores.

A inegável importância de Ferreira de Castro é também confirmada pelo trabalho do Centro de Estudos Ferreira de Castro, fundado em 2001 na Biblioteca de Ossela, que foi construído pelo próprio autor em 1970 perto da sua terra natal. Entre outras coisas, a associação organiza Encontros Ferreira de Castro, edita a revista *Castriana* e tem como principal objetivo a promoção internacional da leitura e do estudo do autor. Um dos projetos mais recentes é Ferreirólio, adaptação do jogo de tabuleiro Monopólio à vida e obra do autor para aproximar o seu trabalho às gerações mais novas. Um facto interessante é que Ferreira de Castro é uma das poucas pessoas em todo o mundo que conseguiu ser representado nos símbolos do seu local de origem. No brasão de Ossela encontra-se um livro aberto, em prata, realçado a vermelho, com uma caneta de brocante de ouro, ao centro, revelando ser a terra natal do notável escritor.

¹ Encyclopedia Britannica, “Autobiography”, URL: <https://www.britannica.com/art/autobiography-literature> (1/7/2021).

(Salvo indicação em contrário, todas as traduções são minhas.)

² Álvaro Salema, *Ferreira de Castro. A sua vida, a sua personalidade, a sua obra* (Póvoa de Varzim: Publicações Europa-America, 1974), 40.

³ *Ibidem*.

2. A AUTOBIOGRAFIA E OS ELEMENTOS AUTOBIOGRAFICOS

2.1. A definição

A autobiografia (autós + bio + graphía) é uma descrição da própria vida, escrita em forma de poema, carta, diário (de viagem), ensaio, entrevista, romance, etc., na primeira ou terceira pessoa, confessional, humorístico-satírico ou estilo neutro. Baseia-se em fatos ou impressões e tem uma finalidade administrativa, jornalística, artística ou científica.⁴

Esta é a definição mais simples, que obviamente não pode ser aplicada a todas as obras autobiográficas. Existem sempre diferentes problemas e obstáculos ao definir onde pertence uma obra literária. Quando se trata de escrever uma autobiografia cujos autores são na maioria das vezes figuras públicas, alguns dos maiores problemas, são o esquecimento e o ajustamento da própria imagem conforme os próprios desejos ou as expectativas de outras pessoas.

Os teóricos expressaram particular interesse em autobiografias desde meados do século vinte. A abordagem teórica exige da obra autobiográfica a unidade de narradores e objetos, verificação e credibilidade, procurando desta maneira separá-la de formas semelhantes, como as biografias e as memórias. É importante notar que a teoria, obviamente, não é o único critério usado para determinar a posição de uma autobiografia.

As autobiografias formais retratam um particular tipo de verdade biográfica: uma vida, alterada pela memória, com todas as distorções conscientes e inconscientes da lembrança. O romancista Graham Greene disse que, por essa razão, uma autobiografia é apenas “uma espécie de vida”, usando a frase como título para a sua própria autobiografia em 1971.⁵

A autoridade incontornável no campo do estudo do discurso autobiográfico, Philippe Lejeune, aborda a autobiografia principalmente do ponto de vista do leitor, definindo-a como "um

⁴ Hrvatska enciklopedija, “Autobiografija”, URL: <https://enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=4710> (1/8/2021).

⁵ Encyclopedia Britannica, “Autobiography” (1/7/2021).

texto retrospectivo em prosa em que uma pessoa real narra a sua própria vida, enfatizando a sua vida pessoal e, especialmente, a história de desenvolvimento da sua própria personalidade"⁶

Philippe Lejeune define autobiografia como “qualquer texto em que o autor parece expressar a sua vida ou os seus sentimentos, quaisquer que sejam a forma do texto e o contrato proposto por ele”⁷. A definição de autobiografia de Philippe Lejeune como um pacto entre leitor e escritor, confirmada pelo uso do nome do autor para protagonista e narrador, é útil porquanto fornece um meio técnico direto de definir o género, distinguindo-o do romance e permitindo que o crítico evite discussões intermináveis sobre verdade, sinceridade e intenção⁸. No entanto, ao fazer isso, o pacto de Lejeune incentiva o crítico a ignorar os fascinantes pontos de intersecção entre os dois géneros.

Lejeune enfatiza a importância da identidade na definição do que é uma autobiografia. Professor francês, ensaísta e cofundador da *Association pour l'autobiographie et le patrimoine autobiographique* (*Associação para Autobiografia e Património Autobiográfico*) afirma que deve existir uma identidade comum entre autor, narrador e personagem.

No seu livro *Intimno i javno*, Sablić Tomić trata do campo da prosa autobiográfica croata contemporânea. A análise de uma série de partes mostra que a pluralidade das características formais e substantivas dessa prosa torna impossível definir completamente os tipos individuais, de modo que a sua denominação terminológica é uma consequência do nível em que a distinção foi estabelecida. A autora refere-se ao acordo autobiográfico de Philippe Lejeune como o fundamento de uma autobiografia típica. No entanto, se houver uma discrepância ao nível da identidade, legitimam-se diferentes categorias de contrato autobiográfico, bem como diferentes categorias de prosa autobiográfica. A situação narrativa é determinada pela categoria da pessoa gramatical, a perspectiva do narrador em relação à ação e o modo narrativo.⁹

⁶ Andrea Zlatar Violić, *Autobiografija: teorijski izazovi* em *Avtobiografski diskurz*, 37.

⁷ Philippe Lejeune, *Autobiografski sporazum, Autobiografija i povijest književnosti*, em Cvjetko Milanja (1999), priručnik *Autor, pripovjedač, lik*. 201–270.

⁸ Philippe Lejeune, *Stoljeće otpora autobiografiji*, tradução Sanja Šoštarić, em *Gordogan* 35-44 (1998).

⁹ Helena Sablić Tomić, *Intimno i javno: suvremena hrvatska autobiografska proza* (Zagreb: Naklada Ljevak, 2002), 7.

2.2. O surgimento da forma autobiográfica

Quando falamos da Antiguidade e da Idade Média, não podemos encontrar muitos exemplos de literatura autobiográfica. As mais próximas da noção de autobiografia são consideradas as *Meditações* de Marco Aurélio (século II) e como um modelo de uma autobiografia medieval, as *Confissões* de Agostinho (século IV).

O Renascimento estimulou o interesse do autor pela sua própria vida (por exemplo, *Vida* de Benvenuto Cellini) e desde o século XVII a narrativa autobiográfica torna-se quase diária graças à imprensa. A autobiografia floresceu no século XVIII, quando foi criada uma das autobiografias mais influentes e a própria noção moderna de autobiografia - *Confissões* de Jean-Jacques Rousseau.

Muitas formas autobiográficas foram criadas durante o século XIX, e entre os muitos autores constavam Johann Wolfgang von Goethe, John Henry Newman, George Sand, John Stuart Mill, George Moore, Stendhal, Richard Wagner, Alfred Russel Wallace e outros.

No início do século passado, os factos ficam em segundo plano e a ênfase é colocada numa representação estilisticamente moldada da consciência subjetiva em desenvolvimento, o que introduz certas autobiografias no campo da prosa artística (por exemplo, romance autobiográfico). Na segunda metade do século foram publicadas as autobiografias de Charlie Chaplin, Mahatma Gandhi, Simone Signoret, Madre Teresa e outros, sendo a narrativa autobiográfica especialmente apreciada por escritoras de orientação feminista da década de 1960 e dos anos posteriores. A ‘media’ moderna (cinema e televisão) também se juntaram na popularização da autobiografia.¹⁰

¹⁰ Hrvatska enciklopedija, “Autobiografija” (1/8/2021).

2.3. Categorias de autobiografia

Uma autobiografia pode ser classificada em quatro tipos muito amplos: temático, religioso, intelectual e ficcional.¹¹

O primeiro agrupamento inclui livros com finalidades tão diversas como *A Americanização* de Edward Bok (1920) e *Mein Kampf* de Adolf Hitler (1925, 1927).

A autobiografia religiosa afirma uma série de grandes obras, que vão de Agostinho e Kempe aos capítulos autobiográficos de Sartor Resartus de Thomas Carlyle e passando pela *Apologia* de John Henry Cardinal Newman no século XIX.

Esse século e o início do século vinte viram a criação de várias autobiografias intelectuais, incluindo a autobiografia severamente analítica do filósofo John Stuart Mill e *The Education* de Henry Adams. Finalmente, um tanto analogamente ao romance como biografia é a autobiografia mal disfarçada ou transformada em romance. Este grupo inclui obras como *The Way of All Flesh* (1903), de James Joyce, *Um Retrato do Artista Quando Jovem* (1916), *O Último Puritano* de George Santayana (1935) e os romances de Thomas Wolfe.

Ainda assim, em todas essas obras podem ser detetados elementos de todos os quatro tipos – as autobiografias mais notáveis frequentemente ignoram essas distinções.

¹¹ Encyclopædia Britannica, “Autobiography” (1/7/2021).

2.4. Os atos autobiográficos

No capítulo sobre atos autobiográficos (autobiographical acts)¹², Smith e Watson estabelecem uma construção de quatro membros do “eu” na narrativa: o verdadeiro, ou seja, o “eu” histórico (the „real“ or historical „I“), o "eu" narrativo (the narrating „I“), o "eu" narrado (the narrated „I“) e o "eu" ideológico (the ideological „I“).

O "eu" verdadeiro ou histórico é em realidade o "eu" do autor idêntico ao nome da capa, ou seja, uma pessoa histórica e um homem de carne e osso. As informações sobre o autor confirmam instâncias extra-textuais como a burocracia do Estado, a igreja, os álbuns de família e até mesmo as memórias de outrem com as quais é possível verificar a existência desse "eu". No entanto, as autoras alertam que é importante ter em mente que esse "eu" é desconhecido e inacessível/irreconhecível para os leitores e não é o "eu" a que temos acesso.

Então, para simplificar, o "eu" narrativo é o narrador, e o "eu" narrado é a personagem. O "eu" ideológico é um sujeito histórica e ideologicamente determinado. No texto, e de acordo com Watson e Smith, estão disponíveis três “eus” para análise – narrativo, narrado e ideológico.

A seguir, será dada mais atenção às instâncias narrativas do "eu" narrativo e do "eu" narrado e, especialmente, à relação entre eles, bem como à análise do "eu" ideológico.

¹² Sidonie Smith e Julia Watson, *Reading Autobiography. A Guide for interpreting life narratives* (Minneapolis; London: University of Minnesota Press, 2002), 63.

2.4.1. "Eu" narrativo e "eu" narrado

A instância narrativa do "eu" narrativo é definida por Smith e Watson como o "eu" que fala e está disponível para os leitores, ou seja, o narrador a quem a única história experiencial é contada. Ele é o executor de um discurso que se lembra e cria uma história. O "eu" narrado é o protagonista da narrativa, a versão de si mesmo que o "eu" narrativo escolhe como leitor. O mais problemático é a distinção entre esses dois "eu"¹³.

O teórico inglês Mark Currie acredita que o lapso de tempo entre os dois "eu" é uma intervenção necessária porque, dessa forma, podemos evitar a já mencionada simultaneidade entre narrativo e narrado. Este lapso de tempo narratológico é necessário principalmente para nós, leitores, porque assim conseguimos distinguir essas instâncias conforme o que foi e o que é. Conseguimos detetar a diferença na identidade das instâncias narrativas pela diferença de caráter, percepções, sentimentos, observações, etc. Se os intervalos de tempo são contáveis em anos, é de esperar a existência de uma discrepância, mas quando o tempo se soma a uma distância de um dia ou menos, apenas algumas horas, o procedimento de separação torna-se cada vez mais complexo.

Em termos de conteúdo, obtemos grande parte das informações ao nos familiarizarmos com o "eu" narrado, e a identidade de uma pessoa é construída exatamente de acordo com esse "eu". Como diz Vladimir Biti numa nota de um capítulo do livro *True Lies* de Mark Currie, tendo em vista a *performance* estabelecida do texto narrativo, "a identidade a que a narrativa aspira não é tanto cognitiva quanto social, ou seja, focado no (auto)reconhecimento cultural, sexual, racial e de classe do autor e dos seus leitores"¹⁴. Embora o "eu" narrado pareça uma pessoa coerente e compacta que pode ser precisamente identificada, é, na verdade, uma ilusão. Ou seja, há muitos "eu" narrados e eles podem ser mutuamente contraditórios e exclusivos.

As autoras questionam ainda os lugares onde o narrador se dirige ao leitor e onde se refere ao próprio ato da narração, tendo em vista a problemática do conceito de memória e esquecimento¹⁵. Smith e Watson dizem que o narrador "provoca" as versões apresentadas sobre si

¹³ *Ibidem*, 76.

¹⁴ Vladimir Biti, *Pojmovnik suvremene književne i kulturne teorije* (Zagreb: Matica hrvatska, 2000), 191.

¹⁵ Sidonie Smith e Julia Watson: *Reading Autobiography. A Guide for interpreting life narratives* (Minneapolis; London: University of Minnesota Press, 2002), 78.

mesmo e o papel ideológico dessas representações no presente da narrativa, organizando o tempo, passado, presente e futuro¹⁶.

Na próxima subsecção será analisado o “eu” narrado denominado como o “eu” ideológico conforme a classificação de Smith e Watson.

¹⁶ *Ibidem.*

2.4.2. “Eu” ideológico

O "eu" ideológico é uma construção historicamente condicionada e implica uma compreensão cultural da posição material do sujeito. É a relação de uma pessoa com outros indivíduos e com o outro coletivo, a importância da localização social, motivações para a ação humana (como a presença do mal, violência, forças e atos autodestrutivos), até mesmo o significado metafísico do universo¹⁷.

É o “eu” em simultâneo, e em todo o lugar e em lugar nenhum, e de facto consiste em identidades heterogêneas que são culturalmente acessíveis ao narrador, tais como: género, ética, geração, família, sexualidade, religião¹⁸. Vladimir Biti designa a identidade ideológica de “política” e diz que ela é sempre “baseada na exclusão. É um conjunto de posições subjetivas em processo de constante anulação e movimentação ao longo dos eixos sexual, racial, nacional, cultural e outros, com um deles assumindo sempre uma posição hegemónica definindo a 'imagem do inimigo'”¹⁹. A noção de ideologia foi introduzida a partir das ciências sociais na teoria literária, tanto em termos de significado, quanto de valor. Em vez de se concentrar em torno da fonte original de ideias do filósofo de Tracy, separando assim o conhecimento do preconceito, a noção desenvolveu-se com as características negativas e pejorativas atribuídas a ela. Talvez a mais famosa seja a interpretação de Marx da ideologia como uma consciência falsa ou pervertida, isto é, "um conjunto manipulador de valores, ideias e crenças que obscurece a visão das pessoas da realidade como ela é"²⁰.

A análise nesta tese concentrar-se-á principalmente na identidade nacional, identidade de classe (educação), identidade religiosa, identidade racial e identidade política, consideradas de grande importância para a compreensão das obras analisadas, mas também para a compreensão do entrelaçado vida/obra. Antes de iniciar a análise, é necessário definir (tanto quanto possível) a identidade e os seus elementos.

¹⁷ *Ibidem*, 76.

¹⁸ *Ibidem*, 77.

¹⁹ Vladimir Biti, *Pojmovnik suvremene književne i kulturne teorije* (Zagreb: Matica hrvatska, 2000), 196.

²⁰ *Ibidem*.

2.5. A identidade

Em sociologia, a identidade é um conjunto de características que determinam a especificidade de um indivíduo ou grupo em termos de diversidade, ou pertença a outros indivíduos, ou grupos. A identidade individual é a resposta à pergunta "quem sou eu?", e surge dos factos que compõem a biografia de um indivíduo, única e irrepetível, e das próprias afirmações sobre a pertença a grupos distintos, ou seja, a cidadania, que constitui uma identidade social ou coletiva, característica ou típica de um grande número de indivíduos. A identidade social é a resposta à pergunta "quem somos nós?", e pode ser sexual, nacional, regional, profissional, organizacional, política, tradicional, moderna, de parentesco, de idade, de idioma, de religião, de classe, de clube, etc. Algumas identidades são divididas ou múltiplas, o que significa que um indivíduo pode pertencer a grupos diferentes em simultâneo: linguístico (por exemplo, bilingue), profissional (pessoas com duas ou mais ocupações), enquanto algumas identidades são categóricas ou exclusivas (por exemplo, género/idade, nacionalidade).²¹

A identidade é condicionada pela cultura e também pelas mudanças históricas. A noção de uma pessoa totalmente limitada e única, diferente de todas as outras, é intrínseca à cultura ocidental e é rara em outras culturas do mundo, embora na cultura ocidental se saliente a identidade pessoal não ser o resultado da separação, mas sim de contínua interação com outras pessoas.

Além disso, certos grupos sociais (de religiosos a nacionais) mudam a sua compreensão das diferenças entre eles e os outros segundo as mudanças das relações que estabelecem com os outros, e essas mudanças na modernidade são na maioria das vezes condicionadas pela dinâmica das relações políticas ou interestaduais.

²¹ Hrvatska enciklopedija, "Identitet", URL: <https://enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=26909> (1/8/2021).

3. AS OBRAS SELECIONADAS E A ANÁLISE

3.1. (Neo)realismo social

Para que a análise de qualquer obra literária seja completa, em primeiro lugar é necessário situar o autor e a obra no período literário a que pertence e indicar as principais características do mesmo.

O Realismo em Portugal foi um movimento artístico e cultural desenvolvido nos anos de 1960. A corrente é mais conhecida por criticar o Romantismo e a estrutura social que então estava em vigor. As tendências artísticas portuguesas visavam a renovação dos valores e tentavam contribuir para que o país alcançasse os ideais do mundo moderno. O Realismo em Portugal teve início a partir da Questão Coimbrã (também conhecida como *Questão do Bom Senso e Bom Gosto*) – confronto das ideias do Realismo e Romantismo em 1865 entre os literatos portugueses. Os principais representantes do movimento foram Antero de Quental e Eça de Queiroz.

O Neorrealismo surgiu como uma tentativa de revalorização do Realismo tradicional. Como movimento artístico, literário e filosófico, procurou representar e dar voz às camadas proletárias. A literatura europeia daquele período não correspondia às necessidades dos jovens cheios de vitalidade, marcados pelo desejo de viver a vida em plenitude, ávidos pela busca da verdade e da realidade. O Neorrealismo literário é um movimento que floresceu no pós-guerra e que se desenrolou num contexto particular, que corresponde a uma parte do tempo histórico-político do salazarismo e sob o signo ideológico e cultural do marxismo.

O neorealismo é o movimento literário, surgido em Portugal, no terceiro decénio do século XX, que, inspirado na literatura norte-americana de preocupações sociais e no romance regionalista brasileiro, procurou instaurar uma literatura comprometida com os princípios do realismo socialista, tematizando sobretudo as condições de vida dos camponeses.²²

²² Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Tomo V [MER-RED] (Lisboa: Círculo de Leitores, Lda., 2003), 2606.

O neo-realismo é, pela estética e pela ética, o oposto das intenções do regionalismo. A chamada literatura regionalista era uma oportunidade primordial para os largos efeitos do estilo. [...] Acontecia, porém, que muitos dos cultivadores do regionalismo literário se esqueciam de que se tratava, não só de curiosos elementos, carregados de pitoresco singular, ótimos para esses efeitos literários, mas também de entes dos mais sofrendores e esquecidos da escala social, a necessitarem, antes de tudo o mais, de compreensão e ternura humana, até para os dar na sua verdadeira e mais profunda realidade.²³

Segundo António José Saraiva, a ficção em prosa caracteristicamente portuguesa surge com Camilo e Júlio Dinis, graças à descoberta de um interesse ficcional pela realidade nacional. Eça de Queirós conseguiu representar as camadas sociais média e alta com traços pitorescos e um irónico distanciamento na modelação, embora alguns pós-naturalistas estendam o horizonte social da ficção às áreas urbanas e rurais onde a vida é mais difícil e miserável, separando-se consequentemente das formas de hipocrisia moralizante do século XIX.²⁴

O aspeto indispensável da ficção de Ferreira de Castro é o Realismo social, que o aproxima dos neorealistas. Nascidos a partir da sua experiência como emigrante nos seringais da Amazônia, os temas dos seus romances focalizam o drama das personagens privadas dos valores humanos. Toda a obra de Ferreira de Castro compõe um poderoso documento social, uma imagem real do quotidiano contemporâneo das pessoas pobres. A narrativa é apresentada através de uma linguagem direta, com os argumentos verdadeiros que reproduzem com intenso dramatismo a realidade dos destinos injustiçados. O cosmopolitismo das suas obras, a tentativa de influenciar sociedade e também a reflexão sobre problemas que sempre atormentam o Homem (o problema do sentido da vida, o problema da morte) comprovam Ferreira de Castro ser um escritor completo. Uma das chaves do sucesso do escritor é precisamente a sua escrita simples e acessível.

²³ Ricardo António Alves, *Ferreira de Castro/Roberto Nobre Correspondência (1922 – 1969)* (Lisboa: Editorial Notícias, Câmara Municipal de Sintra, 1994), 233-234.

²⁴ António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa* (Porto: Editora, 2000), 1025.

3.2. A análise

Com o objetivo de melhorar a compreensão da obra de José Maria Ferreira de Castro, Álvaro Salema inicia o prefácio apresentando “propostas” para a interpretação do escritor, resumidas em três ângulos fundamentais: o de tempo histórico-literário em que o escritor se inscreve, o da realização plena do autor através dos seus livros e o da fixação definitiva da sua obra na evolução histórica das literaturas de língua portuguesa e da literatura mundial deste século²⁵. A conjugação harmónica desses fatores, observa Salema, deve ser o ponto de partida para a análise da obra de Ferreira de Castro. É a partir desse esquema em três partes que Álvaro Salema desenvolve o seu estudo.²⁶

Esta tese concentrar-se-á principalmente nos dois primeiros ângulos mencionados e a análise será baseada, em grande parte, nos conceitos anteriormente referidos das autoras Smith e Watson. Identidade nacional, identidade de classe (educação), identidade religiosa, identidade racial e identidade política são exatamente os elementos de conexão necessários para uma análise detalhada da obra do Ferreira de Castro e para o apoio da hipótese desta tese.

²⁵ Álvaro Salema, *Ferreira de Castro. A sua vida, a sua personalidade, a sua obra* (Póvoa de Varzim: Publicações Europa-America, 1974), 9.

²⁶ *Ibidem*.

3.2.1. *Emigrantes*

Depois de examinar a crise literária europeia, e principalmente a portuguesa, desde a morte de Eça de Queirós até à publicação de *Emigrantes*, Álvaro Salema destaca a valiosa contribuição de Ferreira de Castro, que, com uma “expressão precursora do romance moderno de inspiração populista e de sugestão ético-social”²⁷, vem desvelar novos horizontes, apontando as possibilidades de um novo humanismo.

Após expressar essas hipóteses, o crítico discute a projeção literária da obra de Ferreira de Castro em termos da universalidade do problema resolvido, a partir dos testemunhos do seu criador. Salientando a indissolubilidade da dicotomia vida/obra no escritor, Álvaro Salema organiza a biografia de Ferreira de Castro, que, tal como a obra deste, tem “o cunho romanesco de uma intensa aventura humana”²⁸, entremeando os dados biográficos com comentários relativos às obras.

Emigrantes (1928) e *A Selva* (1930), resultados da incrível experiência do autor, refletindo sobre os problemas da emigração e da atmosfera mística da floresta amazónica, com uma linguagem comum e uma técnica narrativa simples, representam as características de um novo Realismo, tratando de uma problemática social e humana, que viria a ser explorada pela geração do Neorrealismo. Nessas obras, o autor denuncia a exploração desumana e a miséria por ele sofrida, bem como as personagens aos quais deu vida. É precisamente o facto de que o autor transcende o drama individual da personagem central (Manuel da Bouça ou Alberto) e exprime o drama coletivo que o aproxima da nova corrente literária. A importância desse modo de expressão é clara e óbvia. Eis que Roberto Nobre escreveu sobre o assunto:

Quando, em 1928, teve, enfim, oportunidade de escrever o seu primeiro romance meditado e em plena maturidade, ocorreu logo aos seus temas vividos e suas revoltas contidas. Resolveu que a sua literatura fosse, não como então ela era concebida, mas um documento humano e social. Naquele seu primeiro romance, estava o emigrante

²⁷ Álvaro Salema, *Ferreira de Castro. A sua vida, a sua personalidade, a sua obra* (Póvoa de Varzim: Publicações Europa-America, 1974), 12.

²⁸ *Ibidem*, 18.

português, como paradigma do emigrante humilde de todo o mundo. Era o neo-realismo, embora então ainda assim não estivesse crismado. [...] Coube a Ferreira de Castro o papel de pioneiro, aquela gloriosa oportunidade do escritor que chegou na época própria, soube antevê-la e corresponder fecundamente a ela.²⁹

Emigrantes (1928) marca o início da edição de toda a obra ficcional do José Maria Ferreira de Castro. O romance provocou grandes reações do público e da crítica da época, segundo o crítico Jaime Brasil:

Nunca a estreia dum romancista tivera em Portugal tão unânime aplauso como o do autor de *Emigrantes*. Desde o conservador *Diário de Notícias* ao quotidiano sindicalista *A Batalha*, todos os jornais saudaram esse livro como uma bela obra de arte profundamente humana. (...) A obra foi pouco depois traduzida em alguns países. O romance português contemporâneo entrava com ela no âmbito da literatura universal, pois até então estivera confinado às suas fronteiras idiomáticas.³⁰

O período em que o livro foi publicado foi marcado por incertezas. A Primeira Guerra Mundial não trouxe soluções para os grandes problemas, mas apenas aprofundou os existentes e trouxe novos. Os ecos dos anos ‘70 quase se extinguiram e o clima literário dominante em Portugal foi reduzido a “um ‘estado’ expectante que a si mesmo se ignorava”³¹.

A crise de Realismo em Portugal foi, na verdade, uma crise da toda a literatura. Nesse quadro de negatividade e expectativa, a publicação de *Emigrantes* marcou uma viragem fundamental na história de literatura ficcional portuguesa.³² Segundo António José Saraiva *Emigrantes* “assinalam o início de uma nova fase do realismo social entre nós”³³. Ferreira de Castro descobriu novas

²⁹ Ricardo António Alves, *Ferreira de Castro/Roberto Nobre Correspondência (1922 – 1969)* (Lisboa: Editorial Notícias, Câmara Municipal de Sintra, 1994), 235.

³⁰ José Maria Ferreira de Castro, *Emigrantes* (Lisboa: Círculo de Leitores, 1985), XXIII – XXIV.

³¹ Álvaro Salema, *Ferreira de Castro. A sua vida, a sua personalidade, a sua obra* (Póvoa de Varzim: Publicações Europa-America, 1974), 10.

³² *Ibidem*, 11.

³³ António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa* (Porto: Editora, 2000), 1025.

direções, apontando para as possibilidades inimagináveis de um novo realismo. O romance teve imediatamente repercussões excepcionais, não só em Portugal, mas logo a seguir no Brasil, Espanha, Itália, etc. e *Emigrantes* encontrou simpatias e público em todo o mundo:

O próprio sentido intrínseco da experiência humana que se representa nas páginas do livro, para além de quaisquer outras determinantes literárias, prontamente o fez entender, não apenas como o romanceado testemunho do emigrante português, mas como o “romance de todos os emigrantes”.³⁴

O que motiva uma pessoa a migrar? O que motiva alguém a deixar a sua zona de conforto e ir para o estrangeiro desconhecido? A migração sempre foi parte integrante da natureza humana. Desde o início, os primatas deixaram o seu território para encontrar novas áreas para uma melhor caça. A evangelização também incluiu ir aos territórios desconhecidos e espalhar a fé. O melhor exemplo é precisamente a história colonial portuguesa e os escritos como a *Carta de Pêro Vaz de Caminha*, *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto ou *Tratados da Terra e Gente do Brasil* de Fernão Cardim. O que a França, a Suíça, o Reino Unido e a Alemanha são para os portugueses hoje, eram, na época, o Brasil e os Estados Unidos da América. Portugal era um país rural e subdesenvolvido com uma elevada taxa de analfabetismo no início do século vinte. No contexto de tais condições de vida, é claro por que muitos decidiram fazer uma longa viagem para algumas áreas mais ricas na esperança de que as suas vidas mudassem para melhor.

Biográficos que somos das personagens que não têm lugar no mundo, imprimimos neste livro despreziosa história de homens que, sujeitos a todas as vicissitudes provenientes da sua própria condição, transitam de uma banda a outra dos oceanos, na mira de poderem também, um dia, saborear aqueles frutos de ouro que outros homens, muitas vezes sem esforço de maior, colhem às mãos-cheias.³⁵

³⁴ Álvaro Salema, *Ferreira de Castro. A sua vida, a sua personalidade, a sua obra* (Póvoa de Varzim: Publicações Europa-America, 1974), 12 – 13.

³⁵ José Maria Ferreira de Castro, *Emigrantes* (Lisboa: Círculo de Leitores, 1985), 6 (prefácio da 4ª edição).

Esta é exatamente a situação em que se encontra o escritor José Maria Ferreira de Castro. Nascido numa vila pequena, de capacidade limitada e numa família de camponeses pobres, fica órfão de pai com apenas oito anos de idade. A sua infância e educação foram interrompidas abruptamente. Com apenas doze anos, desistiu da escola e embarcou num navio que o levou para o Eldorado da época, o Brasil.

É o caso também de Manuel da Bouça, personagem que acompanhamos desde o início até ao fim do romance *Emigrantes*. Em *Emigrantes*, Ferreira de Castro conta-nos a história de um português, de Oliveira de Azeméis (mesmo concelho de origem do autor), que emigra para o Brasil com o objetivo de enriquecer. A necessidade e a ambição empurram-no para uma aventura com objetivos precisamente definidos, mas com consequências imprevisíveis. Tem quarenta anos, mulher e filha, uma casa e uma porção de terra, mas está descontente com o que possui e desejando uns terrenos vizinhos, decide sair de Portugal e partir para o Brasil.

Mas para lá do muro, os olhos de Manuel da Bouça já não podiam ver, com alegria, os campos que se estendiam, planos, bem regados, até próximo da igreja velha. Possuí-los, ser seu dono, semear e colher o milho que aloirava aos primeiros calores fortes e no Inverno, a erva dos lameiros, que formava tapetes sempre húmidos, era o seu único sonho, a grande aspiração da sua vida. Disso dependiam todos os projectos que ele formara, desde o casamento de Deolinda, não com um valdevinos sem eira nem beira, mas com um homem digno e de teres e haveres, até a velhice tranquila, numa casa grande, de telha francesa, lá em cima, nos Salgueiros - uma casa em cuja salgadeira metesse dois porcos alentejanos.³⁶

Manuel da Bouça está insatisfeito com o que tem e sente a necessidade de mudar a sua situação. Ele passa por uma mudança incrivelmente dolorosa. Não se trata apenas de mudança para este lugar ideal, o Eldorado daquele período, onde o enriquecimento está ao alcance de todos os recém-chegados, mas também de uma mudança interna – ultrapassar os seus limites, aceitando inclusive a possibilidade da sua própria morte e a perda das suas crenças. Mas, para ele, Portugal

³⁶ *Ibidem*, 13.

é um país ingrato para o seu povo, pagando miseravelmente a quem nele vive e trabalha. Manuel da Bouça deixa tudo o que tem em Portugal e separa-se da sua família para, no estrangeiro, entregar-se ao imprevisível com o objetivo de ter uma vida melhor no futuro, depois que regressar a Portugal. Obviamente, não foi o único e isso fica muito claro apenas através de uma palavra que aparece de forma repetida e insistente no texto para caracterizar o fluxo migratório (dos portugueses, russos, italianos, etc.): “o rebanho”.

Esta decisão de deixar o seu país de origem e se mudar para outro lugar, especialmente para o outro lado do mundo, através do oceano, exige um certo caráter. O autor, embora tenha apenas doze anos, toma essa decisão. A razão de uma tal partida pode nem sempre ser clara para todos, pois só pode ser entendida por aqueles que tomaram a mesma decisão. Continuando com a ideia do capítulo sobre a identidade, quando fazemos a pergunta “quem sou eu?” a resposta muda após a emigração? Ou simplesmente uma pessoa, neste caso o autor Ferreira de Castro e o protagonista Manuel da Bouça, num ambiente completamente novo, longe de tudo o que define a identidade nacional, sente um sentimento de pertença cada vez mais forte ao seu país?

O desejo de partir, que deve preceder e é necessário para a decisão de partir, pode corresponder a desejos não realizados que as pessoas cultivam secretamente e que confrontam a pessoa com o instinto de aprender, de procurar coisas novas e de enfrentar o seu medo (é este o caso de Manuel da Bouça). Ou esse desejo pode ser o resultado de uma experiência em que o motivo não é novo, mas é uma fuga do familiar (é o caso de Alberto, o protagonista do romance *A Selva*).

O desejo concretiza-se, cada vez mais perto, na antecipação dos momentos imaginados. O medo, a consciência do risco e da perda aparecem simultaneamente à decisão tomada:

Via-se a ele próprio dentro do navio, longe, no meio do mar - mar bravio como esse que o assombrara, uma tarde, há anos já, na praia do Furadouro. Teve um calafrio, uma sensação de morte. Sentiu-se mais leve. Mas reagiu: "Ora! Vai muita gente ao Brasil e volta e torna a ir e torna a vir e não lhe sucede nada. E não chora!"³⁷

³⁷ *Ibidem*, 32.

Depois de tomada a decisão, é importante compartilhá-la com os outros e Manuel da Bouça torna-se uma pessoa diferente, uma espécie de herói que teve a coragem suficiente de seguir um sonho comum:

Formara-se, rapidamente, em volta de Manuel da Bouça, um halo de respeito e curiosidade. Desde que decidira partir era outro homem para o lugarejo. Enxergavam-no com outros olhos e surpreendiam-lhe uma estatura diferente daquela que até ali lhe conheciam. E ele próprio adoptara uma máscara de orgulho: os lábios mais franzidos, o bigode mais retorcido e mais sóbrios os gestos.³⁸

Esse imponente sentimento muda rapidamente porque o outro lado do ganho magnificente é a dor da perda, que é inevitável:

- E o pai quando é que pensa partir? - perguntou Deolinda.

- Logo que estiverem prontos os papéis. Para o mês que vem ...

As duas mulheres começaram novamente a chorar.³⁹

Manuel da Bouça despede-se, deixa para trás a sua família, os seus amigos e vizinhos, e parte para Lisboa, primeira paragem da viagem ao Brasil. A viagem é muito dura, cheia de dificuldades burocráticas e condições de acomodação precárias. Na sua viagem Manuel da Bouça encontra e passa a fazer parte de um grupo de pessoas que, tal como ele, emigram. A sensação de um novo começo assusta-o e sente-se abatido, sem forças. Quando Manuel da Bouça chega ao Brasil, vai à procura de um conterrâneo, conhecido pelo sucesso da sua emigração, sofrendo a sua primeira decepção: o sucesso não existia – a mentira nasceu da vergonha da verdade.

³⁸ *Ibidem*, 20 – 21.

³⁹ *Ibidem*, 19.

Nesse momento podemos fazer uma pergunta – como é que a aceitação do meio ambiente afeta o emigrante? Pode certamente tornar a sua estadia muito mais fácil ou muito mais difícil:

No Brasil, à sua chegada à fazenda os que estão lá há mais tempo acolhem os novos: “Ele estava ali - disse - para o que fosse preciso, que uma pessoa chegada a terra que não é sua, é como se andasse às escuras.”⁴⁰

O facto de a personagem Manuel da Bouça ter como único objetivo quando emigrou a aquisição das riquezas para comprar terras e tornar-se capitalista e patrão, influenciou o grupo a não o considerar um deles. Um excelente exemplo pode ser encontrado no episódio da revolução, quando é confrontado por Fernandes sobre a possibilidade de participarem na rebelião e Manuel da Bouça recusa: “Fernandes já sabia que ele era precavido, voltado apenas para os interesses próprios – e não estranhou.”⁴¹

- Eu cá não tenho nada com isso! Sou português...

- Qual português, qual história! Aqui não há portugueses nem brasileiros - o que há são homens! É por essas besteiras que nós vivemos assim. Ser português, ser italiano ou ser cá do Brasil, isso não tem importância. O que vale é ser proletário, é ser um homem. Nós somos todos irmãos. Os outros é que não são. Eles tiram-nos a pele em toda a parte do mundo, sem perguntar onde cada um nasceu. Mas você quer ser burguês mesmo, como eles... Está visto! Eu sei...⁴²

Ferreira de Castro foi acolhido no Brasil como qualquer outro emigrante, condenado a empregos mal pagos, pobreza e desconhecido. Embora tenha deixado a escola muito jovem, ele

⁴⁰ *Ibidem*, 124.

⁴¹ *Ibidem*, 174.

⁴² *Ibidem*, 186.

foi um dos poucos trabalhadores alfabetizados e isso ainda o ajudou a conseguir alguns empregos um pouco melhores que exigiam habilidades básicas de escrita e leitura.

Qual é a importância do motivo da partida? O facto de já ter tido em Portugal aquilo que o autor almejava torna do protagonista Manuel da Bouça um egoísta? Partir em busca de riqueza ou de sobrevivência? A resposta pode ser encontrada no próprio resultado das suas viagens. Ambos retornam pobres, pelo menos no que diz respeito ao dinheiro ganho. Mas Ferreira de Castro conquistou algo muito mais importante no Brasil – um amor pela literatura que mudou completamente a sua vida. O escritor faz da sua experiência uma obra literária, sendo os sofrimentos de Manuel da Bouça em parte os do autor:

Ali, autor e personagem são, fraternalmente, da mesma carne e do mesmo sangue, sofrem as mesmas dores na vida e na ficção, doem-lhe as mesmas cruéis injustiças que a vida lhes impõe.⁴³

Diferenças de classe, incapacidade de progredir apesar do tremendo esforço, medo, desamparo e nostalgia. Essas são apenas algumas das frustrações certamente comuns ao autor e ao protagonista. Através de *Emigrantes*, chegamos perto de entender como se sentia Ferreira de Castro naquele período difícil da sua vida. Ele também sofreu com a divisão de classes que não permitia ao pobre a possibilidade de conquistar uma vida melhor. Talvez por isso, a pobreza é apresentada de forma honrada e romântica.

Manuel da Bouça pensou: “O urso trabalha para o dono. É o dono que lhe dá de comer, mas dá-lhe de comer com o resultado do trabalho que o próprio urso faz. Se não tivessem preso o urso, ele podia comer sem precisar do dono. Quando eu trabalho para

⁴³ Ricardo António Alves, *Ferreira de Castro/Roberto Nobre Correspondência (1922 – 1969)* (Lisboa: Editorial Notícias, Câmara Municipal de Sintra, 1994), 234.

os outros, eu sou, salvo seja, como o urso. Mas, com certeza, no Brasil e na América, os homens não são como ursos, pois lá eles enriquecem em pouco tempo.”⁴⁴

Algo que Manuel da Bouça, Ferreira de Castro, e provavelmente a maioria dos emigrantes, têm em comum é o sentimento de nostalgia e de desejo da pátria, ou como os portugueses chamam a esse sentimento – a saudade. A saudade é omnipresente nesta obra e vai ganhando força ao longo do tempo:

Este período foi, para ele, o melhor dos que já passara ali e os colhedores, com as suas cantatas dolentes e os seus chapeirões claros adejando em redor dos cafeeiros, ao longo do suave declive, faziam-lhe lembrar as ceifas na sua terra - motivo agora de nostalgia.⁴⁵

Pouco a pouco, na paisagem tropical sobrepôs-se, para os olhos de Manuel da Bouça, a paisagem da sua terra - da sua aldeia esquecida num recanto de Portugal. E surgiam moinhos revestidos de heras, entre verdes amieiros, numa volta do Caima. Os cafeeiros iam-se transformando em giestas e as “has” do cafezal em ínvios caminhos, caminhos que guardavam em cada curva uma recordação de infância, uma saudade da adolescência: o primeiro diálogo de um namoro, o assalto ao pomar do Serrado, o jogo do botão com o filho do Pisco ... "Que seria feito dele?" [...] E nascia-lhe densa tristeza, desejo profundo de regressar, saudade nunca sentida tão intensamente. O sol de Portugal parecia-lhe, agora, mais branco e evocava-o a entrar-lhe pelas portas e janelas, a espaiar no quintal, a cobrir a aldeia inteira. "Naquele dia em que a Amélia punha maçãs em redor do forro, entrava tanto sol em casa!"⁴⁶

⁴⁴ José Maria Ferreira de Castro, *Emigrantes* (Lisboa: Círculo de Leitores, 1985), 40.

⁴⁵ *Ibidem*, 129.

⁴⁶ *Ibidem*, 157 – 158.

Já foi mencionado o ganho que o escritor teve após o retorno. Mas Manuel da Bouça não tinha nada e voltar para casa sem grandes ganhos financeiros também é um fator importante. Quando chega à sua terra, Manuel da Bouça apercebe-se da mudança que se operou em si:

Um momento, admitiu o seu regresso à enxada, ao cultivo do seu quintal, ao trabalho nos campos dos outros. Mas já não se via nitidamente na situação pretérita e parecia-lhe difícil, impossível quase, adaptar-se de novo à sua vida de outrora. Sentia algo que não sabia explicar a si próprio, mas que o divorciava da terra; algo que se intrometiera no seu espírito enquanto estivera longe, fazendo dele um homem diferente do que era antes de ir para o Brasil. Sentia-se quase um estranho ali e via tudo com olhos de quem não vem para ficar, de quem já não é capaz de ficar sem grande sacrifício.⁴⁷

Uma vez que Ferreira de Castro chegou a Lisboa, após uma breve visita à sua aldeia e extintas as saudades – mais uma vez descobrimos uma ligação profunda com a trajetória do protagonista de *Emigrantes* – teve de reiniciar a sua vida do zero. Do trabalho que fizera no Brasil, restaram apenas as experiências e um novo amor pela literatura, mas ninguém no mundo literário português ainda tinha ouvido das suas publicações no Brasil e por isso permaneceu um desconhecido. Mesmo assim, insistiu em continuar no campo jornalístico, onde acabaria por alcançar o reconhecimento. No texto escrito para a edição especial comemorativa do cinquentenário de vida literária de Ferreira de Castro, ele próprio descreveu o seu retorno desta maneira:

Não trazia dinheiro nos meus bolsos de emigrantes, pois quatrocentenas de escudos, desvalorizados pela primeira guerra, chegariam apenas para densedentar, muito apressadamente, muito nervosamente, a minha nostalgia da família, das árvores, dos caminhos e das fontes da aldeia nativa; mas trazia um veemente sonho literário e uma riqueza secreta, a mais importante que tive, como se verá adiante, embora fosse desprovida de qualquer valor material.⁴⁸

⁴⁷ *Ibidem*, 225 – 226.

⁴⁸ *Ibidem*, 244.

Ferreira de Castro construiu uma obra com uma riqueza lexical pouco vista em autores surgidos no primeiro decênio do século passado, mantendo *Emigrantes* a contemporaneidade e a pertinência temática, apesar de a sua primeira publicação ter sido em 1928. A prosa de *Emigrantes* é densa. Nela abunda a adjetivação, o uso dos diminutivos e da metáfora, estando os diálogos próximos da oralidade.

Quanto a Manuel da Bouça, ele é um homem em trânsito. É o pobre, o último do “rebanho”. Em *Emigrantes* Ferreira de Castro conta experiências completamente opostas às vividas por algumas personagens de Camilo Castelo Branco. Este falava de emigrantes ficando ricos no Brasil, e Ferreira de Castro mostra o lado negro, o outro lado da moeda, do emigrante pobre. Manuel de Bouça não tinha absolutamente nenhum dinheiro quando voltou, trazendo o autor a lição de que a imigração não é necessariamente um Eldorado. Muitos portugueses que foram para o Brasil pensaram que ganhariam muito dinheiro, mas alguns nem tinham para voltar e morreram lá, no país desconhecido.

Com *Emigrantes*, o escritor dá uma nova perspectiva na história do romance português, uma vez que escolheu como protagonista foi escolhida a personagem de Manuel da Bouça, um camponês que emigra, como tantos outros, em busca de uma vida melhor. A sua atitude, baseada numa motivação de enriquecimento muito egoísta, obriga-o a enfrentar a injusta organização social que prevalece tanto no país de origem, como no país de chegada, o que foi um grande choque para ele.

Mas Ferreira de Castro faz muito mais do que apenas listar as sucessivas situações em que o protagonista falhou. *Emigrantes* mostra claramente a ideologia anarquista e libertária do seu autor. Uma ideologia que se torna numa obra literária com o claro propósito de intervenção e desafio, apontando, mais uma vez, de que modo o autor é envolvido na vida social do seu povo.

3.2.2. *A Selva*

A Selva (1930) é uma das obras mais difundidas de Ferreira de Castro, com mais de quinhentos mil exemplares no período em que a literatura portuguesa tinha pouquíssima, ou quase nenhuma, expressão literária mundial. *A Selva* foi glorificada por muitos escritores bem conhecidos e apreciados, entre os quais Albert Camus, Stefan Zweig, Nemésio e Jorge Amado, como um dos mais relevantes romances sobre a esplêndida selva amazônica.

Dir-se-ia que *A Selva*, drama dos homens perante as injustiças de outros homens e as violências da natureza, estava destinada a ser, desde o princípio ao fim, para o seu próprio autor, uma pequena história, uma pequena parcela da grande dor humana, dessa dor de que nenhum livro consegue dar senão uma pálida sugestão.⁴⁹

Estas são as palavras exatas que o autor usou para descrever o livro na edição comemorativa de *A Selva* em 1955. Embora sejam rastreáveis em outros livros, a maioria dos elementos autobiográficos importantes para a análise estão localizados nesse romance. Tendo em vista a divisão feita pelas autoras Smith e Watson, vão ser escolhidos os elementos autobiográficos de maior importância – de identidade nacional, social, religiosa, política e de classe. No início, o foco deve ser colocado na dificuldade com que Ferreira de Castro deu vida à sua obra-prima:

E o livro vinha ainda saturado dessa atmosfera carregada e quente, latejante de vida misteriosa, de sombras, ameaças e pesadelos. Uma vibrante verdade vivencial e uma profunda e quase involuntária piedade pela dor humana ressaltam sem esforço de expressão e sem artifício dessas páginas escritas na febre de uma revivescência exaltada.⁵⁰

⁴⁹ José Maria Ferreira de Castro, *A Selva* (Lisboa: Círculo de Leitores, 1984), 18.

⁵⁰ Álvaro Salema, *Ferreira de Castro. A sua vida, a sua personalidade, a sua obra* (Póvoa de Varzim: Publicações Europa-America, 1974), 26.

A dificuldade com que escreveu esta obra é bem descrita pelo próprio autor no texto *Pequena História de “A Selva”* da edição comemorativa em 1955:

Tão fatigado me sentia por essa nova fusão com a vida dos seringais, tão doloroso me fora beber, na transposição literária, do meu próprio sangue, que, na mesma noite em que concluí o livro, disse a Diana de Liz que não voltaria, durante muito tempo, a escrever romances.⁵¹

O biografismo é o ponto de partida fundamental para a análise de *A Selva*. Nesta obra, Ferreira de Castro busca conciliar-se com os acontecimentos passados tentando tirar da memória a experiência traumática que viveu nos seringais amazônicos. O autor passou muitos anos no Brasil, inclusive a localização geográfica onde se desenvolve a ação do romance *A Selva* – seringal Paraíso, nas margens do rio Madeira.

[...] se é verdade que neste romance a intriga tantas vezes se afasta da minha vida, não é menos verdadeiro também que a ficção se tece sobre um fundo vivido dramaticamente pelo seu autor. Tanto, tanto, que algumas noites suspendia bruscamente o trabalho, só por não poder suportar mais o clima que eu próprio criara.⁵²

Na experiência de Alberto, o protagonista, viajando em condições horríveis para o Brasil podemos ver como que uma projeção da experiência do autor que viajou, em semelhantes, senão iguais condições, aos doze anos, entre pessoas como ele, famintas, pobres e fugitivas.

O tio do protagonista Alberto é um homem rico que ganhou todo o seu dinheiro no Brasil com a venda da borracha e por isso tem “já duas quintas em Portugal”⁵³. Pelo menos, isso é o que Alberto pensava. E histórias deste tipo parecem ser muito comuns nesse período, como se todo o

⁵¹ José Maria Ferreira de Castro, *A Selva* (Lisboa: Círculo de Leitores, 1984), 15.

⁵² *Ibidem*, 14 – 15.

⁵³ *Ibidem*, 26.

mundo conhecesse alguém que ficou rico no exterior e queria fazer o mesmo. Alberto, porém, não acabou no Brasil por desejo de enormes riquezas, como tantos outros (inclusive Manuel da Bouça), mas por razões políticas:

Eu sou um exilado político...Sou monárquico e tomei parte na última revolta de Monsanto, de que Vossa Excelência, decerto, ouviu falar... De Monsanto tive de fugir para Espanha e de lá vim para aqui ⁵⁴

Embora a sua luta tenha sido pacífica, podemos encontrar pontos comuns entre o autor e Alberto quando se trata da identidade política. Alberto é antirrepublicano e defensor das ideias monárquicas, o que é a razão principal do seu exílio no Brasil. No seu país, Portugal, lutou contra os defensores da democracia e da igualdade humana. As suas crenças políticas são completamente opostas às de Ferreira de Castro.

As convicções políticas de Alberto são as razões pelas quais ele despreza os viajantes do barco que o leva à Amazônia – viajantes esses com os quais tem de dividir espaço e comida:

A sua epiderme contraía-se sob a força do asco que o convés imundo lhe causava. Sentia-se inadaptado, estranho ali, quase inimigo das vidas que o cercavam, aparentemente alheias a tudo quanto não fosse imposições do corpo e aderindo, resignadas, a todas as contingências.⁵⁵

E, durante a viagem, ele perguntava-se: “Possuíam alma essas gentes rudes e inexpressivas, que atravancavam o mundo com a sua ignorância, que tiravam à vida colectiva a beleza e a elevação que ela podia ter?”⁵⁶

⁵⁴ *Ibidem*, 56.

⁵⁵ *Ibidem*, 36.

⁵⁶ *Ibidem*, 37.

Mas o facto interessante está no fim do romance em que a personagem não alimenta mais os ideais do seu passado político (principal motivo do exílio, proclamando: “as suas antigas ideias pareciam-lhe de tempos remotos, dum outro eu que se perdera e esfumara na lonjura”⁵⁷) A estada na selva tornou-se a sua melhor lição de vida e a sua experiência mais importante, tudo devido aos vários acidentes e momentos difíceis que lá viveu. Todo o sofrimento e toda a dor lhe ensinaram a empatia e como entender melhor as pessoas, embora inicialmente as considerasse completamente insignificantes.

Para explicar as relações sociais neste livro, é necessário falar sobre a importância da natureza circundante. Enquanto no romance a Amazónia é apresentada como a opressora de todos os recém-chegados (viajantes, exploradores, trabalhadores) que vieram à floresta com o objetivo de extrair riquezas dela, *A Selva* mostra-nos também que ela é a mãe dos nativos. Um dos fatores determinantes do entendimento da situação social da região são as pesquisas da relação entre o homem e a selva.

Já foi mencionado que muitos emigrantes consideravam o Brasil, e principalmente a Amazónia, como uma espécie de Eldorado, um país mágico e cheio de riquezas, a partir das quais é possível obter enormes ganhos financeiros.

Era, então, a Amazónia uma imã na terra brasileira e para ela convergiam copiosas ambições dos quatro pontos cardeais, porque a riqueza se apresentava de fácil posse, desde que a audácia se antepusesse aos escrúpulos.⁵⁸

Através da personagem Alberto, conhecemos o espanto que provoca a imensa floresta tropical, repleta de espécies diferentes, rodeada de ramos que ele vê como algo incrível, mas

⁵⁷ *Ibidem*, 186.

⁵⁸ *Ibidem*, 26.

também como uma forma de prisão da qual é muito difícil sair: “Alberto tinha a sensação de se encontrar num cárcere, sem pena fixada, sem dia marcado para a abertura da porta.”⁵⁹

Ao longo da jornada, a personagem principal faz uma comparação entre o seu país de origem e o que o cerca naquele momento, para finalmente perceber que as semelhanças não existem.

Há um pormenor muito importante para a compreensão desta obra no que diz respeito às relações sociais. Ele reduz-se ao facto de o escritor considerar a floresta tropical um fator indiscutível na determinação do carácter das pessoas que nela habitam. Ferreira de Castro acredita que só quem nasceu lá pode sobreviver na Amazónia porque é habituado a tais condições. Para os recém-chegados, a Amazónia é uma madrasta, um lugar onde é impossível viver e do qual só querem fugir.

No Brasil, e depois de nada ter acontecido como planeava, Alberto é compelido a viver e trabalhar no seringal, plantação onde seringueiras moram e trabalham na produção de borracha. Por ser europeu, os outros trabalhadores julgam-no menos digno e apto em comparação com eles. A ironia da situação é claramente visível nesta frase de Firmino (o empregado do seringal) e na forma como trata Alberto: “Eu tenho pena do seu Alberto. O seringal não é para um homem com a sua pele. Você veio também para enriquecer?”⁶⁰

As diferenças de classe são mais óbvias e claras na relação entre os gerentes do seringal e os trabalhadores (os seringueiros). Na tentativa de enriquecer ou apenas querer viver melhor, os trabalhadores acabam com dívidas enormes, que só aumentam com o tempo, visto que o seu endividamento aumenta a cada compra de alimentos necessários à sobrevivência (comida, álcool, armas). O salário muito baixo não chega nem de perto para cobrir essa dívida, e ao longo do romance encontramos constantemente a mesma informação de que o preço da borracha está sempre a cair e que agora não está mais como costumava ser. O dinheiro, claro, circula e acaba sempre no bolso do patrão.

⁵⁹ *Ibidem*, 129.

⁶⁰ *Ibidem*, 94.

Alberto pensava na sua conta, no que podia acontecer, no que não aconteceria talvez jamais – fila de hipóteses tão interminável como aqueles troncos de todos os tamanhos que o farol ia arrancando à negridão da selva. “Dez quilos por semana, trinta mil reis... Cento e vinte no fim do mês. Mas as despesas? As despesas... E o Inverno, em que não se fazia quase nada? Quantos anos, quantos, para pagar a dívida, mesmo que tivesse sorte e saúde!”⁶¹

Dentro desta realidade inimiga e desagradável, tudo é vendável, até a própria dignidade. E é nestas circunstâncias que Alberto passa a conhecer a essência de si próprio, mas também a dos homens que estão com ele, tal como a da própria selva. Da mesma forma que acontece com Ferreira de Castro: “A selva, os homens que nela vivem, o seu drama interdependente, uma plena autenticidade e nenhum efeito fácil – era essa a minha ambição.”⁶²

Ao chegar, Alberto viu-se como um indivíduo independente e superior aos trabalhadores dos seringais. Ao sair, Alberto sente que pertence a um grupo, que ganhou um certo objetivo social, convencido da justiça da luta contra a perda de qualidades morais e humanas só pela pobreza. Substituiu com sucesso a rivalidade pela colaboração e o sentimento de superioridade que possuía, conseguindo integrar valores de solidariedade e fraternidade.

A veracidade do romance baseia-se nessa perspectiva fiável e autêntica de um homem que conheceu por dentro e por completo a realidade que descreve. O humanismo da percepção de Ferreira de Castro ajuda muito na descrição da personagem central deste romance – a selva amazônica. As descrições não são excessivamente longas ou fastidiosas, portanto, não são desagradáveis para os leitores, mas o autor mesmo assim consegue pintar o ambiente horrível em que a ação se desenvolve:

⁶¹ *Ibidem*, 126.

⁶² *Ibidem*, 16.

A selva dominava tudo. Não era o segundo reino, era o primeiro em força e categoria, tudo abandonado a um plano secundário. E o homem, simples transeunte no flanco do enigma, via-se obrigado a entregar o seu destino àquele despotismo.⁶³

Ferreira de Castro consegue com *A Selva* concretizar a sua visão humanística. O escritor marcou completamente a cena literária da época com as suas raízes realistas. A universalidade e acessibilidade dos temas cobertos e a qualidade da sua escrita impõem-no como um dos melhores e mais respeitados autores da língua portuguesa.

A Selva, como muitas das obras de Ferreira de Castro, é um romance de inestimável valor literário, continuando a ser permanentemente relevante.

⁶³ *Ibidem*, 86.

3.2.3. *Eternidade*

Ferreira de Castro conheceu, em 1927, a escritora e poetisa Diana de Liz (pseudónimo de Maria Eugénia Haas da Costa Ramos), que foi a sua companheira, seu amor apaixonado e desesperado, até à morte dela, alguns anos depois. Mais precisamente, ela adoeceu gravemente de tuberculose logo após a publicação de *A Selva*, obra-prima do autor.

“Esqueci por completo o livro”, recordará mais tarde Ferreira de Castro. “Dias depois perdi-a para sempre. E esta obra, escrita ao calor da sua ternura, transformou-se numa recordação muito mais trágica ainda do que todas as outras que lhe haviam dado origem.”⁶⁴

Por muito tempo, o sucesso espetacular do seu romance não tinha muita importância para o autor. Ferreira de Castro decidiu viajar pela Europa, sozinho e desesperado. Quando regressou a Portugal organizou, prefaciou e publicou o primeiro livro póstumo de Diana de Liz. Mas depois de tudo isso, Castro foi atingido por outro acidente. Ficou gravemente doente e a sua vida esteve em perigo. Felizmente, foi salvo e fisicamente recuperado. Mas a sua recuperação mental e emocional estava ainda muito longe.

O romance *Eternidade*, publicado em 1933, “é o reflexo literário do pungente drama interior que Ferreira de Castro sofreu durante três anos de renovada dor.”⁶⁵ O ponto fulcral do romance é a perda de uma pessoa amada pela personagem principal Juvenal Gonçalves, a sua esposa Helena. Acompanhamos o regresso do protagonista à ilha da Madeira (a sua terra natal) nos anos trinta do século vinte, e todas as fases de progresso da sua depressão. Como testemunhas da solidão do Juvenal e das suas constantes ponderações sobre o suicídio, passamos a ser parte das reflexões deste sobre o sentido da existência humana, a dor de quem vive e fica sem uma pessoa amada, a resignação humana, o egoísmo e a superficialidade das pessoas, a religião, o amor, a vida e a morte.

⁶⁴ Álvaro Salema, *Ferreira de Castro. A sua vida, a sua personalidade, a sua obra* (Póvoa de Varzim: Publicações Europa-America, 1974), 28.

⁶⁵ *Ibidem*.

Já no “Pórtico” (Prefácio), encontramos uma história de futuro em que "um irmão longínquo" conseguiu superar a morte. Começa com um grito contra a vida, que mesmo gozando da magia de um lugar tão belo como a ilha da Madeira, está permanentemente abatido pela opressão, miséria e renúncia, e perturbado pelo constante medo das doenças e da morte. Apesar dessa fragilidade da condição humana, Ferreira de Castro escreve o seu “Pórtico” destinado ao irmão do futuro e com isso torna a afirmar a sua imperturbável fé na humanidade.

Eu sei que quando a Humanidade se encontrar dividida em duas épocas distintas - a que obedecia, mísera, efémera, desgraçada, à lei da morte e a que sobre essa lei triunfou - tu, meu irmão, estarás tão longe de nós e serás tão diferente, que até estas inumeráveis vidas que têm morrido não querendo morrer, parecer-te-ão lendárias, mesquinhas, tristes coisas que não se pertenciam, rebanho de sombras que cobria, inutilmente o planeta inteiro. Então, todos os séculos que já vivemos e que viveremos ainda sob o despotismo da morte, a odiarmo-nos uns aos outros, a massacrarmo-nos uns aos outros, a expoliarmo-nos uns aos outros, parecer-te-ão a ti que triunfaste da morte, e dos instintos, que és inteligência e não paixão, compreensão e não ressentimento, uma vasta, sombria e muda planície.⁶⁶

O autor apresenta-nos o panorama natural da Madeira e o panorama humano. Para além da cidade do Funchal e dos hábitos diários dos seus habitantes, ele descreve as inúmeras paisagens e ambientes típicos das montanhas e das aldeias da ilha. O destaque é dado aos camponeses, trabalhadores manuais e bordadeiras explorados por vários capitalistas da cidade, entre eles o irmão de Juvenal, Álvaro. Juvenal começa a recuperar o seu entusiasmo pela vida quando começa a apoiar os trabalhadores e a sua demanda por mais pão. A revolta é reprimida pelas forças portuguesas, e o governo chega a enviar navios de guerra para acalmar e controlar os insurgentes. Por ser eleito um dos líderes e representantes do movimento revolucionário, Juvenal teve de ser deportado para Cabo Verde, uma ilha muito hostil na época.

⁶⁶ José Maria Ferreira de Castro, *Eternidade* (Lisboa: Círculo de Leitores, Lda., 1985), “Pórtico”.

Apesar da fiel representação do panorama natural da Madeira, segundo historiador de literatura portuguesa António José Saraiva:

Eternidade, apesar da intensidade claramente vivida do seu tema central (o da lenta diluição da viuvez dolorosa por morte de Diana de Liz, com a ânsia individual de uma eternidade pessoal, afinal abstracta, a entrelaçar-se com um impulso crescente de comunhão social humana), apresenta o desequilíbrio de um didactismo doutrinário demasiado evidente e de um pitoresco (madeirense) muito menos essencial à acção d' *A Selva*.⁶⁷

É necessário mencionar que o romance é autobiográfico em termos de dois grandes acontecimentos, a perda de mulheres amadas e a tentativa de suicídio. O romance acompanha o drama de Juvenal, mas para além das correspondentes diferenças entre a ficção e realidade, é também um drama experimentado pelo escritor de *Eternidade*. Como evidência dos pensamentos suicidas do Ferreira de Castro, na continuação pode ser lida a sua nota de suicídio escrita em 1931:

NOTA DE SUICÍDIO (1931)

Há m^{to} tempo já que este momento ronda o meu coração. Será hoje. Estou fatigado de sofrer, fatigado de viver, fatigado do absurdo da vida.

Não quero mais. Não é um acto desesperado. É um acto calmo, reflexionado. Apenas talvez elimine, para se chegar ao mesmo resultado, alguns dias de sofrimento.

Peço aos meus amigos que obtenham que não me seja feita autópsia. Fui eu que abri voluntariamente as minhas veias e daí este documento[.]

Lisboa, 3 de Nov^o 1931

Ferreira de Castro

⁶⁷ António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa* (Porto: Editora, 2000), 1026.

P.S. Este meu acto não implica qualquer desconsideração para o com sr[.] dr. R. dos Santos, que se me encontrasse antes, salvava-me com certeza[.]⁶⁸

O retorno da Elizabeth, a inglesa com quem o protagonista Juvenal teve um caso amoroso e a notícia de que ela ficou grávida dele, transforma o fim do romance num convite à luta por um mundo melhor e mais igualitário com pessoas bem cientes do seu cargo na criação desta nova sociedade. A fala de Juvenal torna mais forte o pedido: "A vida é mais forte e só ela existe! Quando eu já não puder lutar, lutaré ele. E creio no seu futuro, no de todos os homens que hão-de- vir"⁶⁹

⁶⁸ Ricardo António Alves, *Ferreira de Castro/Roberto Nobre Correspondência (1922 – 1969)* (Lisboa: Editorial Notícias, Câmara Municipal de Sintra, 1994), 221.

⁶⁹ José Maria Ferreira de Castro, *Eternidade* (Lisboa: Círculo de Leitores, 1985), 338.

3.2.4. *Terra Fria*

Publicado originalmente em 1934, *Terra Fria* suscita, sem demora, o entusiasmo da crítica chegando a tomar um lugar notável na esfera ficcional de Ferreira de Castro e na literatura portuguesa do século passado.

O enredo, que harmoniza o realismo da descrição das “gentes que vivem entre cadeias de montanhas [...] página viva da antropologia”⁷⁰ com o tom trágico, está localizado em Terras do Barroso, Trás-os-Montes. Com o escasso sustento do seu trabalho de jornaleiro e, sobretudo, com o contrabando, na pequena aldeia de Padornelos, Leonardo procura sustentar a si próprio e a sua família, enquanto fantasia em estabelecer-se por conta própria. O desejo de uma vida independente parece finalmente poder concretizar-se com a chegada à terra de um homem que há muito emigrou para os Estados Unidos. Ele mostra a sua riqueza muito rapidamente e por isso é considerado uma das pessoas mais importantes e influentes do povoado. Porém, o “americano” rico e poderoso “se com uma mão lhe dá alguma coisa com a outra tudo tira, inclusive a paz e a mulher”⁷¹ e é ele quem leva ao drama que vai assolar a aldeia.

Com *Terra Fria* e *A Lã e a Neve*, o escritor desenvolve uma nova metodologia na criação do romance, baseada na percepção do ambiente e das dificuldades sociais que o romance salienta, no quadro da história natural, em que tenta transmitir um mundo rural triste e coitado, na borda da civilização, onde o lugar central é ocupado pela gente simples e miserável.

Ferreira de Castro escreve *Terra Fria* combinando a reportagem e a habilidade de romancista com difícil exemplaridade no ambiente diretamente observado na vida rural primitiva, nas montanhas do Norte de Portugal. Pôde assim pôr à prova uma vocação mais autónoma, libertada do ficcionalista, sem a sujeição absorvente da experiência própria, encarnando um realismo energicamente infiltrado na tragédia da existência nas almas simples da gente rústica. A lição de *Terra Fria*, se não é, indiscutivelmente, um padrão essencial da personalidade literária de Ferreira

⁷⁰ José Maria Ferreira de Castro, *Terra Fria* (Lisboa: Guimarães & C.a. Editores, 1980), 203.

⁷¹ *Ibidem*, 130.

de Castro, constitui um marco relevante na germinação que começa a desdobrar-se pouco depois da forte geração pela qual em Portugal foi lançado o movimento neorrealista.⁷²

Parece-me de trasanteontem a minha primeira chegada a Montalegre, numa tarde de sol a recortar, na sua peguena eminência, a vila e o castelo, a esparalhar-se nas vârzeas que dali se descortinam, mas ao longe a derramar uma poalha luminosa sobre as imponentes encostas do Larouco [...] ⁷³

Terra Fria é um dos romances onde José Maria Ferreira de Castro põe em prática as conclusões dos seus longos estudos, mostrando o modo de viver incrivelmente subdesenvolvido da gente do nordeste de Trás-os-Montes, o seu sofrimento e as suas lutas diárias, no início dos anos trinta do século passado.

Hoje, esse modo de vida não é visto em países desenvolvidos, por isso *Terra Fria* pode ser considerado como uma espécie de romance histórico devido à fiel descrição da vida inconcebível para nós hoje. O protagonista Leonardo e a sua esposa são retratados como verdadeiros lutadores que tentam sobreviver na pequena aldeia de Padornelos (Montalegre). Leonardo faz tudo para sustentar a família, muitas vezes com empregos de baixo salário ou com o contrabando, para ganhar dinheiro e realizar o seu sonho de um negócio de vendas autónomo.

Terra Fria é um romance que cria uma sensação de solidão atemporal. Rodeia-nos com cenários de um país desolado e frio onde a pobreza é a única condição conhecida e onde os ricos acreditam que têm todo o poder sobre os pobres. Para além de chamar a atenção para a pobreza desta parte de Portugal, neste romance Ferreira de Castro dirige uma crítica feroz ao abuso de poder do regime caracterizado pelo “americano” e pelo seu modo de atuação. Mais uma vez, o autor, por meio da obra, afirma a sua visão da justiça social:

⁷² Álvaro Salema, *Ferreira de Castro. A sua vida, a sua personalidade, a sua obra* (Póvoa de Varzim: Publicações Europa-America, 1974), 29.

⁷³ José Maria Ferreira de Castro, *Terra Fria* (Lisboa: Guimarães & C.a. Editores, 1980), 254 (Posfácio).

Para além do seu entrecho, o romance procura dar, a quem tenha pela vida humana interesse igual ao nosso, alguns esboços de história natural. Para além do drama imaginário há a vida, sem grandes lances, do homem que vegetava, há tantos séculos, incrustado nas montanhas, mas que, pelo seu próprio modo de existência, dir-se-ia nascido há pouco. A civilização, lá longe, parecia ter sido criada apenas para uma minoria, enquanto a miséria fustigava e fustiga ainda este triste e negro cortejo.⁷⁴

⁷⁴ *Ibidem*, 17 – 18.

3.2.5. *A Lã e a Neve*

Os anos da Segunda Guerra Mundial em Portugal deixaram a imagem de um Portugal triste e provinciano. O ditador português não pôs em dúvida a sua riqueza na política externa. Preocupado com o império, Salazar temia as aventuras de Mussolini na África, tendo sido tranquilizado pelas possibilidades continentais da Alemanha nazista. Hitler parou nos Pirenéus, desistiu da invasão da Inglaterra e esqueceu-se da ocupação de Gibraltar. O alto preço da Espanha devastado pela guerra civil e as demandas de Franco no Norte da África também ajudaram.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945 e a derrota das potências do Eixo, parecia ser o momento para que o regime acabasse. As oposições foram reorganizadas e surgiram o Movimento de Unidade Nacional Antifascista (MUNAF) e o Movimento de Unidade Democrática (MUD). Procurando assumir características mais abertas, o Governo faz algumas reformas, sendo também anunciadas eleições. Formou-se uma lista de oposição para concorrer às eleições de novembro de 1945, mas a falta de condições devido às ações da PIDE e da Censura levou o MUD a desistir de participar e apelar à abstenção⁷⁵.

Em 1945, as condições de vida das classes populares eram péssimas, com salários muito baixos, muita escassez de alimentos e doenças.

Exatamente naquele ano, o escritor começa a escrever *A Lã e a Neve*, a crónica de um regime político e social que marcou o país mais ocidental da Europa, “na atmosfera de expectativas políticas e de esperanças sociais que também em Portugal se manifesta pelas vias possíveis, com o movimento juvenil do neo-romantismo em plena erupção criadora”⁷⁶.

O romance, publicado em 1947, é uma demonstração da dura realidade da vida dos portugueses, por meio da história da vida de Horácio. Movido pelo desejo de construir uma casa digna, esta personagem deixa a vida pastoril na Serra da Estrela e dirige-se para a fábrica da Covilhã, uma cidade industrial, onde tem de lutar contra a verdadeira face dos capitalistas.

⁷⁵ Infopédia - Dicionários Porto Editora, “Portugal e a Segunda Guerra Mundial” URL: [https://www.infopedia.pt/\\$portugal-e-a-segunda-guerra-mundial](https://www.infopedia.pt/$portugal-e-a-segunda-guerra-mundial) (13/7/2021).

⁷⁶ Álvaro Salema, *Ferreira de Castro. A sua vida, a sua personalidade, a sua obra* (Póvoa de Varzim: Publicações Europa-America 1974), 31.

Horácio, o jovem pastor, é apaixonado por Idalina e o seu sonho é ser tecelão, ter uma casa cómoda e avançar na profissão. Depois de conseguir um emprego na fábrica de tecelagem, casa-se e torna um "operário", mas é forçado a continuar viver num casebre. No meio da confusão e das notícias sobre os confrontos mundiais, alguns operários (especialmente Marreta) cultivam esperanças de um mundo melhor para pessoas como eles, os que não nasceram sob uma estrela de sorte. O romance termina com o fim da guerra e a morte de Marreta, ou melhor dito, tudo continua na mesma, tendo Horácio acabado por renunciar ao emprego.

A Lã e a Neve permitiu-nos conhecer a cidade da Covilhã, sobre a qual desconhecíamos quase tudo. O autor dá-nos um retrato pormenorizado dos múltiplos aspetos da Beira Interior dos anos 1940, mais precisamente da vila de Manteigas e da cidade da Covilhã, locais em torno dos quais a narrativa gira. Recorrendo a uma apurada técnica de descrição realista, Ferreira de Castro oferece-nos uma imagem clara da vida da população da Beira Interior.

É também interessante como as personagens e o narrador testemunham a forma pela qual as fábricas de lã aplicam as novas normas sobre os direitos dos trabalhadores, que dizem respeito a questões, tais como horas de trabalho e descanso, idade para trabalhar, segurança, higiene, progressão na carreira, proteção das mulheres que trabalham nas fábricas, trabalho das pessoas com deficiência, construção de casas para trabalhadores a preços mais acessíveis e desemprego:

[...] o mais definido testemunho do sentido social e da capacidade de representação da realidade popular portuguesa individualizada em personagens e comportamentos na obra de Ferreira de Castro.⁷⁷

Ferreira de Castro retrata perfeitamente a mistura da beleza da zona serrana com a dura sobrevivência dos seus pobres habitantes, pastores e trabalhadores, que testemunharam a tortura dos mais poderosos da região durante e após a guerra.

⁷⁷ *Ibidem.*

O trabalho, sendo o tema central do romance, sugere realmente um estilo neorrealista, diferindo apenas porque o protagonista não é um lutador político, mas um trabalhador. Um trabalhador que descobre uma das maiores injustiças do mundo, isto é: o trabalho não ajuda a sair da pobreza.

Com este romance, reconfirmamos a grande empatia e humanidade da escrita do autor. A sua identificação com os trabalhadores, dando voz àqueles que ninguém parece ouvir (ou simplesmente não quer ouvir), mais uma vez confirma o quanto da identidade do autor se espelha na sua obra.

Essa forma de pensar e agir marcou toda a vida de Castro, o que é provado por todas as suas ações e decisões, uma delas sendo relatada aqui pelo crítico Salema:

Em 1958, num momento de ansiosa expectativa de solução democrática para o problema político português, foi Ferreira de Castro convidado a propor-se como candidato do povo – do seu povo – à Presidência da República. Não se considerando com qualidades políticas para tal missão, declinou o convite, sem deixar de afirmar uma vez mais a sua firme e fiel solidariedade aos companheiros que, por outros rumos, prosseguiram nessa época o que tem sido, também, o seu combate.⁷⁸

⁷⁸ *Ibidem*, 36.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como separar o autor da obra? Uma pergunta eterna e difícil de responder. Tentamos sempre separar o escritor da sua obra literária quando a lemos. Fomos sempre ensinados a fazer isso. Tentamos esquecer aquele “eu” real, o “eu” histórico, o homem de carne e osso. Mas o autor certamente deixou uma parte de si mesmo na sua obra. Essa é essencialmente a beleza de qualquer forma de arte. Alguns autores deixaram mais do que apenas uma parte de si. E para alguns é impossível separar o autor da obra, por mais que tentemos.

Essa foi exatamente a hipótese deste trabalho. Após uma breve leitura da biografia de Ferreira de Castro, não pude deixar de pensar que as suas experiências vividas foram o principal motivo da sua obra literária.

Basicamente, trata-se de um português que emigra para o Brasil e trabalha na floresta, no seringal. Abandona a família, tenta ganhar dinheiro, tenta sobreviver. Aprende muito sobre os outros, desenvolve uma empatia que nunca sentira antes, muda as suas crenças, a sua forma de pensar. E então, depois de superar todos os problemas, volta para casa, tão pobre como era quando partiu.

Esta breve descrição pode aplicar-se a Ferreira de Castro, Alberto, ou Manuel da Bouça.

No maior foco da análise da tese presente foram os dois romances de maior sucesso do autor – *A Selva e Emigrantes*. Ao lê-los, é difícil não perceber as ligações com a vida do autor. O objetivo desta tese, que acredito ter sido alcançado, foi descobrir até que ponto os elementos autobiográficos estão presentes e como eles moldam a própria obra literária. Numerosos elementos autobiográficos, apoiados por citações, mais intimamente relacionados ao "eu" ideológico, foram listados ao longo da tese.

Ferreira de Castro descobriu o seu amor pela literatura no meio do caos e do trauma que viveu como emigrante no Brasil. Podemos dizer que este amor se tornou a sua tábua de salvação e a única riqueza que conseguiu trazer para casa, para Portugal. Por mais difíceis que fossem as situações da vida, ele encontrou uma saída na literatura. Escrever tornou-se, de certa forma, a sua terapia. Quer se trate de traumas de infância, longas viagens, miséria e pobreza humanas, tristes

histórias de amor, questões sociais, morte ou vida, Ferreira de Castro encontrou uma forma universal de trazer todas as suas emoções e experiências para mais perto do leitor através da sua obra literária.

A universalidade das suas obras, a simplicidade do seu estilo e a sua incrível humanidade são apenas algumas das razões pelas quais a obra de Ferreira de Castro é tão difundida e apreciada em todo o mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEB

- Aguiar, Adriana. *Ferreira de Castro: Dos arquivos pessoais como paratextos literários*. Em: Revista Desassossego 8, dezembro 2012 (26/6/2021).
- Alves, Ricardo António. *100 Cartas a Ferreira de Castro*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1992.
- Alves, Ricardo António. *Ferreira de Castro/Roberto Nobre Correspondência (1922–1969)*. Lisboa: Editorial Notícias: Câmara Municipal de Sintra, 1994.
- Alves, Ricardo António. *A Lã e a Neve, de Ferreira de Castro: a História escreve-se no presente*. (29. 6. 2021) disponível em: <http://www.ceferreiradecastro.org/revista.php>
- Biti, Vladimir. *Pojmovnik suvremene književne i kulturne teorije*. Zagreb: Matica hrvatska, 2000.
- Encyclopedia Britannica. “Autobiography” (1/7/2021).
disponível em: <https://www.britannica.com/art/autobiography-literature>
- Ferreira de Castro, José Maria. *A Lã e a Neve*. Lisboa: Guimarães & C.a. Editores, 1979.
- Ferreira de Castro, José Maria. *Terra Fria*. Lisboa: Guimarães & C.a. Editores, 1980.
- Ferreira de Castro, José Maria. *A Tempestade*. Lisboa: Guimarães & C.a., 1980.
- Ferreira de Castro, José Maria. *A Missão: três novelas*. Lisboa: Guimarães & C.a., 1981.
- Ferreira de Castro, José Maria. *A Curva da Estrada*. Lisboa: Guimarães & C.a. Editores, 1982.
- Ferreira de Castro, José Maria. *A Selva*. Lisboa: Círculo de Leitores, Lda., 1984.
- Ferreira de Castro, José Maria. *Emigrantes*. Lisboa: Círculo de Leitores, Lda., 1985.
- Ferreira de Castro, José Maria. *Eternidade*. Lisboa: Círculo de Leitores, Lda., 1985.
- Ferreira de Castro, José Maria. *Os Fragmentos: um romance e algumas evocações*. Lisboa: Guimarães & C.a. Editores, 1988.

Figueiredo, Carlos Jorge. *A Violência da Natureza e dos Confrontos Sociais*. (1/8/2021) disponível em:

https://www.academia.edu/35658143/Ferreira_de_Castro_A_Viol%C3%Aancia_da_Natureza_e_dos_Confrontos_Sociais?email_work_card=view-paper

Hrvatska enciklopedija. “Autobiografija” (1/8/2021).

disponível em: <https://enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=4710>

Hrvatska enciklopedija. “Identitet” (1/8/2021).

disponível em: <https://enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=26909>

Houaiss Antônio e Mauro de Salles Villar: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Tomo V [MER-RED]/elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Lisboa: Círculo de Leitores, Lda., 2003.

Infopédia - Dicionários Porto Editora. “Portugal e a Segunda Guerra Mundial” (13/7/2021).

disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$portugal-e-a-segunda-guerra-mundial](https://www.infopedia.pt/$portugal-e-a-segunda-guerra-mundial)

Lejeune, Philippe. *Autobiografski sporazum*, em Gordogan 248 – 273 (1990) tradução Lada Čale Feldman do livro *Philippe Lejeune: Le pacte autobiographique*. Seuil, Paris, 1975.

Lejeune, Philippe. *Stoljeće otpora autobiografiji*, tradução Sanja Šošarić, em *Gordogan* 35-44 (1998)

Lejeune, Philippe. *Autobiografski sporazum, Autobiografija i povijest književnosti*, em Cvjetko Milanja (1999), priručnik *Autor, pripovjedač, lik*. 201–270

Martins, Luís Almeida. *365 dias com histórias da história de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2011.

Matozzi, Martina. *Emigration Eyes. I romanzi sull'emigrazione portoghese di Ferreira de Castro. Una riflessione postcoloniale*. (26/7/2021) disponível em:

https://www.academia.edu/32904244/Emigration_Eyes_I_romanzi_sullemigrazione_port

[oghesse_di_Ferreira_de_Castro_Una_riflessione_postcoloniale?email_work_card=view-paper](#)

Monteiro Fonseca, Esperança e Maria Natália Amarante. *A imagem e a palavra em Ferreira de Castro*. (15/8/2021) disponível em: https://www.academia.edu/44671108/A_IMAGEM_E_A_PALAVRA_EM_FERREIRA_DE_CASTRO?email_work_card=thumbnail

Sablić Tomić, Helena. *Intimno i javno: suvremena hrvatska autobiografska proza*. Zagreb: Naklada Ljevak, 2002.

Salema, Álvaro. *Ferreira de Castro. A sua vida, a sua personalidade, a sua obra*. Póvoa de Varzim: Publicações Europa-America, 1974.

Santos Pereira, António dos. *Ferreira de Castro, História e Imaginário: dos Emigrantes, através d'A Selva, até A Lã e a Neve*. (29/6/2021) disponível em: <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-pereira-antonio-santos-ferreira-de-castro-historia-e-imaginario.pdf>

Saraiva, António José e Óscar Lopes. *História da Literatura Portuguesa*. 17ª edição, corrigida e actualizada. Porto: Editora, 2000.

Smith, Sidonie e Julia Watson. *Reading Autobiography. A Guide for interpreting life narratives*. Minneapolis; London: University of Minnesota Press, 2002.

Talan, Nikica. *Povijest portugalske književnosti*. Zagreb: Školska knjiga, 2004.

Zlatar Violić, Andrea. *Autobiografija u Hrvatskoj: nacrt povijesti žanra i tipologija narativnog oblika*. Zagreb: Matica hrvatska, 1998.

Zlatar Violić, Andrea. *Autobiografija: teorijski izazovi*. Em *Avtobiografski diskurz*, 23-35, 2009.

Entrevistas e outras fontes web:

Centro de Estudos Ferreira de Castro

disponível em: <http://www.ceferreiradecastro.org/>

Entrevista de A. Lopes de Oliveira a Ferreira de Castro:

disponível em: <http://www.ceferreiradecastro.org/entrevista-a-lopes-oliveira.php>

Diário de Lisboa, Sábado, 17 de Novembro de 1945 - O MOMENTO POLÍTICO

disponível em:

<http://www.ceferreiradecastro.org/entrevista-diario-de-lisboa-17-novembro-1945.php>

DCR Norte: Casa Museu Ferreira de Castro – Casa de Ossela

disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K2OqCVCCXlg&t=197s>

País Real Produções: Entrevista 11 - Ferreira de Castro por Álvaro Salema

disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Iqe25RhQG0>